

VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS NO VIVER MODERNO DE CAMPO MAIOR ENTRE 1930-1970

PAULIANA MARIA DE JESUS¹

RESUMO: Este artigo tem como objetivo analisar como a zona urbana de Campo Maior foi se transformando através da chegada de alguns elementos tidos como modernos a partir da remodelação e arborização das praças Bona Primo e Rui Barbosa, o cinema, as festas realizadas nos clubes sociais e as festas de carnaval que possibilitaram mudanças no modo de viver urbano de Campo Maior entre o período de 1930 a 1970, destacando como os habitantes significaram essas transformações e como isso repercutiu na vida deles. Campo Maior serviu de lugar para diversas apropriações pelo poder público, foi objeto de intervenções e as justificativas para essas modificações estavam relacionadas ao progresso que a cidade alcançava com chegada de elementos que prometiam mais conforto e que deveriam torná-la mais desenvolvida e moderna. A metodologia da pesquisa constituiu-se na análise de fontes orais, documentos oficiais, jornais e relatos memorialísticos, e teve o apoio teórico dos seguintes autores: Certeau (2013), Bermam (1982), Aranha (2006) e outros.

PALAVRAS-CHAVE: História; modernização; Campo Maior.

ABSTRACT: This article aims to analyze how the urban area of Campo Maior was transformed through the arrival of some elements considered as modern from the remodeling and afforestation of the Bona Primo and Rui Barbosa squares, the cinema, the parties held in social clubs and the carnival festivities that made possible changes in the urban way of life of Campo Maior between the period of 1930 and 1970, highlighting how the inhabitants meant these transformations and how it impacted on their lives. Campo Maior served as a place for various appropriations by the public power, was the object of interventions and the justifications for these changes were related to the progress that the city reached with the arrival of elements that promised more comfort and that should make it more developed and modern. The methodology of the research consisted of the analysis of oral sources, official documents, newspapers and memorialistic reports, and had the theoretical support of the following authors: Certeau (2013), Bermam (1982), Aranha (2006) and others.

KEYWORDS: History; modernization; Campo Maior.

¹ Mestre em História do Brasil pela Universidade Federal do Piauí-UFPI. E-mail: paulianadejesus@gmail.com

INTRODUÇÃO

Campo Maior, está localizada à 84 km da Capital de Teresina no estado do Piauí, possui uma extensão territorial de 1.635,713 km², atualmente, tem em média uma população de aproximadamente 45.177 habitantes, considerada como uma das mais antigas cidades do estado, onde se instalou as primeiras fazendas de gado, atividade econômica que possibilitou a implantação das primeiras vilas e povoados civilizatórios no estado.² No entanto, o ritmo de crescimento e modernização da cidade ocorreu de forma gradativa e atrelada as mudanças que ocorriam no contexto global. Mas, percebe-se conforme tabela abaixo que houve certo crescimento da população urbana no município entre as décadas de 1940 a 1960, onde a população quase que dobrou:

População de Campo Maior entre as décadas de 1940 a 1970		
Ano	População total	População urbana
1940	30.195	3.689
1950	39.927	6.992
1960	56.120	13.849
1970	61.449	18.400

Fonte. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas: Censos demográficos de 1940-1970.

Nessa perspectiva, procuro entender como ocorreu o processo de urbanização da cidade de Campo Maior entre 1930 a 1970, não só pela dinâmica da modernização e do crescimento populacional, mais também pelo seu processo de desenvolvimento que começou a partir do final da década de 1930, com a chegada de alguns elementos considerados modernos como a energia elétrica, o cinema, a presença de automóveis, a chegada do trem, calçamento de ruas e arborização e embelezamento das principais praças da cidade, que para o tamanho da pequena cidade surgem os seguintes questionamentos: apesar das intervenções que ocorreram em Campo Maior, através da iluminação pública, calçamento de ruas, embelezamento de praças, alargamento de avenidas, construção de novos edifícios, implantação do cinema, desenvolvimento dos transportes, a cidade viveu sua modernidade? Houve um processo de modernização de Campo Maior? Que elementos demonstram isso?

O EMBELEZAMENTO DAS PRAÇAS BONA PRIMO E RUI BARBOSA.

Assim funciona a cidade-conceito, lugar de transformações e apropriações, objeto de intervenções, mas sujeito sem cessar enriquecido com novos

² BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas. Dados Demográficos. Econômicos, Políticos e Sociais Disponível em: < [http://WWW. ibge. Gov.br](http://WWW.ibge.Gov.br) > Acesso em 15 de Nov. 2016.

atributos: ela é ao mesmo tempo maquinaria e o herói da modernidade (CERTEAU, 2013, p. 175).

As praças Bona Primo e Rui Barbosa sempre tiveram atenção do poder público, pois elas se destacavam por ocuparem um espaço privilegiado em Campo Maior, localizadas no centro. A primeira ficava na frente da igreja Matriz de Santo Antônio e a segunda, nos fundos do mesmo templo católico. As primeiras intervenções no sentido de embelezar a praça Rui Barbosa ocorreram a partir de 1933 na administração de Francisco Alves Cavalcante, “a antiga praça foi remodelada, recebendo um novo mobiliário e vários equipamentos (bancos, coreto), tornando-se um espaço de lazer e convivência social” (OLIVEIRA, 2015, p.110). A partir de então, tornou-se um lugar de encontros e passeios aos finais de semana, inserindo a cidade num modo de viver moderno, haja vista que a praça remodelada e iluminada chamava atenção dos moradores da cidade, pois poucos usufruíam do sistema de iluminação elétrica em suas casas, que por sinal, ainda era bastante precário. O fornecimento de energia elétrica, funcionava das 18:00 às 23:00, restringindo-se praticamente ao centro da cidade, onde estavam concentrados lojas, bares, restaurantes e alguns estabelecimentos públicos como o hospital, cadeia, dentre outros.

Francisco Cardoso³ funcionário aposentado da CHESF, memorialista que viveu toda sua infância em Campo Maior, representa como era a praça Rui Barbosa nas décadas de 40 e 50, apontando como muitas coisas se modificaram em Campo Maior “seja no físico, cultural, social ou mesmo comercial.” Sobre a praça Rui Barbosa, recorda:

A praça Rui Barbosa daquela época era muito bonita. Com passarela de passeio, bem planejada e conservada, bancos dispostos em locais adequados para o público sentar, sentindo-se bem, bater um papo com amigos, ou mesmo com a mulher amada. Canteiros bem cuidados, com flores diversas e algumas delas, no começo da noite, exalavam cheiro agradável e aragem cuidava de espalhar aquele perfume natural por toda aquela área (CARDOSO, 2014, p. 14).

Além disso, na referida praça havia o coreto onde a banda Lira de Santo Antônio se apresentava nos finais de semana, alegrando a noite das pessoas que iam procurar alguma forma de lazer. A praça ainda servia como palanque para discursos políticos e festas cívicas. Além da banda de música aos finais de semana, contava-se com o serviço de som da amplificadora Comercial de Campo Maior, aliás, haviam duas amplificadoras uma na praça Rui Barbosa e outra na Praça Luís Miranda. Apresentavam programas musicais e faziam propaganda das lojas

³ Francisco da Silva Cardoso, memorialista de filiação de Enos da Silva Cardoso e Isabel Furtado de Moraes Cardoso, nasceu em Barras Marataoã-PI, no dia 12 de março de 1936. É formado em Geografia pela Faculdade Católica de Filosofia do Piauí. Trabalhou na Casa Marc Jacob S/A, foi secretário do colégio Agrícola de Teresina, depois trabalhou em outros órgãos como na COHEBE, também foi presidente do Diretório Acadêmico D. Avelar Brandão Vilela, período de 1964-1965. Aposentou-se pela Companhia Hidroelétrica do São Francisco-CHESF.

comerciais, localizadas na sede do município; divulgavam notas de falecimentos, nascimentos, batizados, bem como anúncios de festas em outros municípios e na sede do município nos finais de semana. Esses meios de comunicação eram empregados também para manifestações de protestos e críticas políticas. Neste caso, a Amplificadora Carnaúba, que possuía apenas um alto falante e o estúdio localizava-se nas dependências do prédio da dona Olinda, defronte à Praça mencionada há pouco. Tinha como locutores Davi Melo e Luís Capucho do Vale. Era patrocinada por Sigrefedo Pacheco, político atuante em Campo Maior, eleito prefeito em 1935. Depois foi a senador da República.

Como percebe-se, a praça era um espaço de lazer, mas funcionava também como um lugar de difusão de ideias e debates políticos onde suscitavam-se os problemas da cidade e críticas ao governo e gestores da situação. Sigefredo Pacheco, filho de família de classe social elevada, quando jovem, foi estudar no Sul, formando-se em Medicina na Faculdade do Rio de Janeiro, tendo contato com as ideias liberais e contestatórias do regime político da época. Ao voltar para sua cidade natal, tornou-se um ferrenho adversário das forças políticas da época que ocupavam lugares de poder na ocasião. Usava de sua influência política e econômica para combater os adversários políticos da situação.⁴

Imagem 01: Praça Rui Barbosa, principal praça da cidade na década de 40.



Fonte: Acervo Particular de Olavo Pereira Silva.

A Praça Rui Barbosa tornou-se um lugar privilegiado e o centro das atenções do poder público em relação a seu embelezamento. Era um dos lugares prediletos para os passeios públicos

⁴ Sigefredo Pacheco nasceu em Campo Maior em 22 de maio de 1904, filho de Vicente Pacheco e Inês da Costa Araújo Pacheco. Sendo irmão de Ivon Pacheco que foi prefeito de Campo Maior sucedendo Waldeck Bona de 1949 a 1951. l. (CASTELO BRANCO, 1992, p. 206.).

e tinha como principais frequentadores os jovens. Embora houvesse diferenças que eram perceptíveis por pequenos sinais como, o vestuário, acessórios, modo de se comportar dentre outras características, a praça como um lugar público, era para todos independente de condição econômica e social. A esse respeito, Joaquim Pereira (1997) relembra os passeios na praça Rui Barbosa:

Às quintas-feiras e nos fins de semana era dia de “praça,” dia de todo mundo, principalmente os jovens, comparecer à praça RUI BARBOSA, andava-se em dois círculos concêntricos, os homens no externo, em uma direção, e as mulheres, no interno, em direção contrária, de modo que, no cruzar, os olhares se encontravam. E, encontrado e correspondido, o olhar que ele ou ela desejava, aí começava o flerte. Algumas voltas depois, o homem mudava de direção, acompanhando aquela que lhe confirmara o flerte. Era o começo do namoro (OLIVEIRA, 1997, p. 68).

A praça Rui Barbosa por ficar estrategicamente por trás da igreja Santo Antônio, no centro da cidade, a poucos metros do Cine Glória, bares, comércios etc., era um lugar bastante frequentado pelos jovens que iam passear na praça em busca de lazer, sociabilidade ou busca de namoros. O período rememorado pelo entrevistado se refere ao final da década de 1950 durante a década seguinte, quando Joaquim Oliveira começou a trabalhar na agência do Banco do Brasil.

Marcos Vasconcelos relembra e faz uma caracterização de como era a praça após seu embelezamento, tornando-se o principal ponto de atração dos cidadãos. Acredita que houve naquela ocasião mudança de hábitos, muitos aproveitavam a ocasião para vestir a melhor roupa e exibi-la para os amigos e conhecidos que iam passear na praça mais bela da cidade.

Era uma praça pequena, mais tinha a honra de ser a principal atração da cidade (qual a cidade do interior que não tem sua praça principal?) Mais ou menos encravada em 1.600m², era toda arborizada, com figueiras, carnaubeiras, jatobás, acácias, etc. Possuía um coreto para as retretas, vários bancos para namorar, inclusive alguns caramanchões de bambu, jardins bem cuidados, dois grandes tanques com água (um de cada lado do coreto) para aguar as plantas. Toda cimentada do lado de fora. Ali, num sentido, viravam os homens no outro as mulheres, cruzando olhares e iniciando grandes namoros. Do lado de dentro, na terra batida, era o mesmo movimento, frequentada por aqueles que queriam mais privacidade. À noite, toda iluminada, com banda de música do coreto, a retreta ia até 21 horas, quando a debandada era geral, pois moça que se prezava não ficava na praça após a retreta. Até o “curical” sumia assim eram chamadas algumas daquelas que circulavam na parte interna da praça (VASCONCELOS, 2006, p. 73).

A praça tornou-se um lugar de memória pois é comum os entrevistados lembrarem dos momentos de sociabilidades que ocorriam naquele lugar. Também foi um dos primeiros logradouros públicos a receber alguns elementos considerados modernos para época, como a energia elétrica. Marcou a memória de alguns setores sociais, principalmente daqueles que vivenciaram de perto as novas sensações e mudanças que iam acontecendo na pequena cidade. Para Bermam (1982) é necessário refletir sobre como ocorreu a modernização em países fora do ocidente como, por exemplo, na Rússia e em países “subdesenvolvidos” enfatizando que nesses lugares a modernização foi bem mais complexa e paradoxal. Por outro lado, Gervásio Aranha apud Gomes e Santos (2011, p.08) afirma que a modernidade que ocorreu em pequenas e médias cidades do Norte e Nordeste, estava ligada a novas sensações e experiências introduzidas no cotidiano dos habitantes e pelas novas conquistas materiais que passaram a ser considerados no “imaginário urbano como símbolos do moderno. Aqui, os significados da modernidade transitam mais pelas sensações e seduções do moderno do que pelas dimensões físicas e populacionais dos espaços urbanos em análise. Nesse sentido, percebemos como o cotidiano de Campo Maior foi se modificando em função das novas conquistas materiais que iam chegando na cidade, além do desejo dos seus governantes em trazer essas conquistas para a sede do município, com o objetivo de tornar os habitantes civilizados através de bons hábitos, comportamento e respeito às condutas de posturas na cidade.

Nota-se pelo Código de Postura publicado em 1962, que o poder público municipal, na administração de Raimundo Andrade, tinha a preocupação em deixar as ruas, passeios e praças públicas limpas e preservadas. De acordo com a postura desse período era:

Proibido arrancar ou danificar as árvores plantadas nas ruas e praças da cidade, assim como destruir e danificar os cercadinhos que as protegem. Ao infrator multa de 10\$000 por cada árvore que cortar ou danificar, além da obrigação de reparar o dano causado (CAMPO MAIOR, 1962).

O referido Código também proibia que sujeitos circulassem pelas ruas e praças, indecentemente vestidos ou disfarçado com roupas impróprias ao seu sexo. Os infratores deveriam pagar multas no valor de Cr\$10\$000⁵. Todas essas medidas visavam dar à cidade um aspecto mais civilizado. Também havia a preocupação em deixá-la limpa e saneada, haja vista, que proibia os habitantes de jogarem lixo, e animais mortos nas ruas e praças sob pena de pagarem multa.

A preocupação com a higiene dos logradouros públicos e da disciplinarização das populações e seus comportamentos considerados incivilizados, já aconteciam, bem antes, em

⁵ Código de posturas. Campo Maior, 1962.

outras cidades no Brasil. No final do século XIX, foram tomadas muitas medidas nas quais estavam embutidas o saber médico e sanitário, que visavam sanear os principais centros urbanos do país, Rio de Janeiro, Recife, Fortaleza, podem ser mencionadas como exemplos. Tais ações foram estimuladas pelas elites comerciais e intelectuais que desempenhavam um papel fundamental na constituição de uma nova ordem urbana, onde algumas questões foram problematizadas nesses centros urbanos:

A existência, na cidade, de faltas, desvios e perigos naturais e sociais que comprometiam uma apregoada necessidade de torná-la um centro desenvolvido, um movimento considerável de discursos e práticas emergiam e procurou, sobretudo através de estratégias e medidas embelezadoras, saneadoras e higienistas- ordenar seu espaço e disciplinar sua população (PONTE, 1993, p.15).

As preocupações em disciplinar a população e sanear a cidade, estavam fundamentadas nos novos conhecimentos da medicina moderna, proporcionada pela criação de universidades de medicina e o contato com as novas descobertas científicas e médicas da Europa. Desse modo, havia uma justificativa de melhorar as condições de salubridade da cidade, pois a questão de saúde pública também era uma condição essencial para a realização do processo civilizatório. Desse modo, evidencia-se nessas capitais “a existência de um processo que buscou racionalizar a cidade e disciplinar seus habitantes” (PONTE, 1993, p. 18).

Em Campo Maior, percebe-se como a praça Rui Barbosa representava um cenário que possibilitava um viver urbano moderno, principalmente para as classes burguesas representadas pelos comerciantes e elites agrárias⁶, que desfrutavam de alguns elementos constituídos das novidades da época, como observa-se pela descrição a seguir de João Alves Filho (2011, p. 25).

Na Rui Barbosa os cardápios luxuosos do Bar e Restaurante Eldorado, até início da década de 1980, o que mais se destacava na cidade, onde encontrava a Burguesia. No outro lado, na Petisqueira, com suas variedades em bebidas, refrigerantes e mercadorias incluindo-se cremes, bolos, pudins e abacates e refrescos. O som da Petisqueira da sua possante radiola Philco, enchia a praça com os mais variados cantores.

Através das descrições dos memorialistas da época e pelos relatos orais é possível perceber que ocorria discriminação social. Pois, “havia as camadas mais ricas e as camadas mais pobres, as mais ricas, circulavam no meio da praça, as mais pobres, já lá quase descendo pelo

⁶ Essas elites agrárias eram oriundas das famílias aristocráticas constituídos pelos primeiros colonizadores e moradores donos de grandes lotes de terras que constituíram através de laços de consanguíneos certas oligarquias que influenciavam politicamente na cidade através do seu poder e riqueza, proprietários de fazendas.

meio fio”(CARDOSO, 2017), percebe-se que apesar de haver diferenciações entre as classes sociais, seja por questões econômicas e sociais, as pessoas procuravam experimentar a forma de sociabilidade moderna que se constituía na cidade. De acordo com o relato de Dona Maria dos Remédios Santos (2017), que morava na zona suburbana da cidade, no Parque Estrela, o bairro era pouco urbanizado e o acesso eletrodoméstico era difícil, pois “não tinha luz, não tinha água, não tinha geladeira, não tinha fogão, era cozinhando na lenha na época [...] era na lamparina mesmo, todo tempo, a gente comprava querosene, nesse tempo vendiam nas latas[...] era a maioria das pessoas, nesse tempo, não tinha negócio de riqueza não”. Nos bairros, de um modo geral não eram servidos por luz elétrica e abastecimento de água encanada, principalmente no bairro em que ela morava, que lá pelas décadas de 1940 e 1950 era praticamente uma extensão da rural, composta por vacarias e fazendas.

Para Dona Remédios, a praça e o cinema eram as únicas opções de lazer, haja vista que seu pai, muito rígido nos preceitos da educação disciplinar e moralista patriarcal, não permitia que ela e suas irmãs saíssem para festas e “matinês”, restando-lhe apenas os passeios nas praças.

Nessa época, a gente moça, saía daqui só para rodar na praça, só para arrodar, caminhando ali por trás. Aí, tinha aquele “*borrou*” de gente passeando, aí a gente vinha embora, não tinha quem mexesse e dissesse ao menos que a gente era feia. Hoje ninguém pode mais andar! [...] a praça era calçada de pedra, tinha coreto, era um negócio redondo, que a gente subia e sentava para descansar as pernas da gente, tinha poste de iluminação, jardim [...] Era bonito, naquele tempo, era um céu de maravilha para a gente, praticamente a gente era abastado “véi” da roça, não conhecia nada, porque antigamente aqui era uma capoeira (SANTOS, 2017).

70

Compreende-se pela fala de dona Remédios, que a praça Rui Barbosa toda iluminada com coreto, saneada representava um lugar especial, voltado para passeios de cidadãos, rapazes e moças que viam a praça como uma novidade contrastada pelo bairro onde ela morava, onde havia a ausência de quase todos elementos urbanos considerados modernos para época.

Com o passar dos anos, a praça que era ponto de atração para os cidadãos e bastante movimentada, ficou em segundo plano para dar destaque a praça Bona Primo, isso aconteceu em função da edificação do novo templo católico que homenageia Santo Antônio, e pela transferência dos festejos para o pátio em frente à igreja. O fato é que a praça Rui Barbosa que antes era muito frequentada pelos jovens e casais, foi perdendo sua importância para habitar apenas na memória deles. Sobre essa falta de atenção com a praça Rui Barbosa, Marcos Vasconcelos relatou, com nostalgia e ressentimento, as mudanças que ocorreram na praça:

Desativada hoje resta pouco ou quase nada daquela que foi uma praça romântica e bem frequentada. Só o nome foi preservado. [...] Nada mais resta da praça original, o cartório mudou-se e a amplificadora fechou. Não tem mais o bar da Lili/Zuza, nem do Farias, nem do Helvécio. Fecharam o Bar Eldorado, a pensão da D. Olinda, a sapataria e agência de ônibus Zezé Paz. Não tem mais coreto, nem tanques de água, nem jardins, nem árvores, nem bancos com caramanchão para se namorar, não tem nada [...] o certo é que a reforma que fizeram nela tentando revitalizá-la foi um desastre. Puseram uns bancos feios, de péssimo mau gosto, sem ninguém sentado, hoje, a praça como diria Nelson Rodrigues, têm a aridez de três desertos (VASCONCELOS, 2006, p. 76-77).

Vasconcelos (2006) descreve como ocorreram as transformações nos hábitos dos cidadãos que foram deixando de frequentar a tão afamada praça. Para ele era a mais bonita e formosa durante sua juventude, lá pelos anos 1940, depois já no final de 1950, ela foi reformada e essa ação modificou sua estrutura, provocando descontentamento como a manifestação mencionada acima, pois retiraram o coreto e puseram outros bancos que não agradaram grande parte da população, na época o prefeito era Oscar Castelo Branco. O poder público também foi deixando de lado ou passou a dar prioridade a outros logradouros.

A atual Praça Bona, que até então era apenas um grande largo de “chão batido” defronte à igreja matriz de Santo Antônio, passou por muitas transformações, a começar pelas variadas denominações que recebeu. No início da década de 1930 chamava-se Marechal Pires, quando Francisco Alves Cavalcante, foi nomeado prefeito, uma das primeiras iniciativas, por meio do decreto, nº 01 de 05/10/1930, foi a mudança do o nome da praça para João Pessoa, em homenagem a uns dos líderes políticos que desembocaram no movimento da “Revolução de 30”. Em 1948, mudou de nome outra vez. Por meio do decreto lei nº 40 editado pelo prefeito Waldeck Bona⁷, passou a chamar-se Bona Primo em homenagem ao Coronel Antônio José Nunes Bona Primo⁸ avó de Waldeck.

Com a demolição da Antiga Igreja Santo Antônio e a edificação da nova e suntuosa Igreja, a praça que antes era um grande largo, pouco iluminado, com poucas árvores e que quase não recebia atenção do poder público municipal, foi toda embelezada para contemplar também a majestosa igreja:

Com a construção da Igreja Matriz, as atenções se voltaram para a praça Bona Primo. Projetada cuidadosamente, foi toda calçada, arborizada, feericamente

⁷ Waldeck Bona, nasceu em Campo Maior, no dia 15 de dezembro de 1908, era filho de Ovídio Bona e Ana Monteiro Bona. Ele era fazendeiro, comerciante e político.

⁸ O coronel, agropecuarista e membro da Guarda Nacional, Antônio José Nunes Bona Primo (1847-1927). Natural de Campo Maior, provavelmente Waldeck Bona tenha alguma dencendência e laço consaguineo com o Cel. Bona Primo, para prestar essa homenagem tão especial.

iluminada, servindo de local para os grandes eventos campo-maiorenses, tais como: os festejos de Santo Antônio, festas de São João-São Pedro, comícios e outras datas comemorativas [...]. Atualmente, daquelas velhas árvores do meu tempo de menino, restam apenas os três centenários oitizeiros na porta da casa da dona Livramento, viúva de Sales Oliveira (VASCONCELOS, 2006, p. 102).

A reforma da praça Bona Primo ocorreu provavelmente em 1962, data da inauguração da nova e suntuosa Igreja Santo Antônio, sob a liderança do padre Mateus Cortês Rufino e com apoio do povo campo-maiorense. Percebe-se que alguns aspectos que a caracterizavam e marcaram a história de muitas pessoas as quais estavam acostumados com as sombras de suas árvores, com o cata-vento foram retirados.

No final da década de 1960 a praça Bona primo passou por outra reforma, realizada na administração do prefeito Raimundo Nonato Andrade. Sobre esse contexto, Antônio de Andrade Filho rememora o passado da praça e lamenta pelas alterações feitas na época:

Detive-me outro dia a olhar os canteiros multiformes de variedades Bona Primo tudo agora é beleza, mas para quem nela viveu desde o começo de sua existência, agora como sempre, tudo é saudade (A LUTA, 1968 *apud* LIMA, 2008, p. 49).

Atualmente, existem dois painéis artístico compostos de pastilhas de azulejos, formando um grande mural representando dois exemplos de elementos folclórico-cultural de Campo Maior. O primeiro foi Batalha do Jenipapo, acontecimento histórico que imortalizou a memória dos “heróis” que morreram nessa épica batalha, cantada em versos e poesia, celebrada nas comemorações e datas cívicas na cidade. Outro elemento é o vaqueiro que é celebrado como um homem forte, valente, trabalhador e como uns dos desbravadores do povoamento do Piauí que embora não detivesse a posse da terra, era um dos sujeitos que constituíam a base econômica da região, intrinsecamente relacionada à criação de gado.

De acordo com Natália de Oliveira (2015, p.125) a construção desses painéis foi noticiada pelo jornal A Luta em 1969 “na praça Bona Primo, mais um canteiro foi concluído e cremos que muito em breve o último deles será feito, faltando a chave de ouro do término da obra: a confecção do monumento de pastilhas de azulejo, com motivação moderna histórica” Esse movimento está relacionado ao fenômeno da contemporaneidade. Pierre Nora (1989)) defende que a memória deixa de ser constantemente vivida e necessita cada vez mais de espaços exteriores onde se ancorar, os lugares de memória coexistem nos três sentidos: material, simbólico e funcional:

É material pelo seu conteúdo demográfico; funcional por hipótese, pois garante, ao mesmo tempo, a cristalização da lembrança e sua transmissão; mas simbólica por definição visto que se caracteriza por um acontecimento ou uma experiência vivida por um pequeno número uma maioria que deles não participou. O que os constitui é um jogo da memória e da história, uma interação dos dois fatores que leva a sua sobre determinação recíproca. Inicialmente, é preciso ter vontade de memória (CARDOSO, 2014).

Percebe-se que na tentativa de embelezar a praça houve uma espécie de consciência histórica reivindicando a presença de alguns elementos culturais como uma forma de reforçar o sentimento de pertencimento, criar laços identitários da cidade, no entanto sabemos que existem diferentes memórias e diferentes formas de dar significados à realidade sobre a valorização da figura do vaqueiro, através do memorial, é necessário ressaltar, que existe um grande paradoxo entre os discursos proferidos romanticamente sobre o mesmo e a realidade de fato, pois os discursos não são reflexos fidedignos da realidade desses “grandes heróis do sertão, homens rudes, mas valentes e corajosos”(CARDOSO,2014) . De acordo com Gabriela Porto (2017) o discurso em si é uma construção linguística atrelada ao contexto social no qual o texto é desenvolvido, ou seja, as ideologias presentes em um discurso são diretamente determinadas pelo contexto político-social em que vive o seu autor. Assim, ao analisarmos os discursos, temos que fazer uma análise do contexto social em questão. Dessa forma, percebe-se que existe uma grande diferença entre os discursos construídos romanticamente sobre a figura do vaqueiro e sua realidade social, pois em sua maioria, eram mal remunerados, não tinham segurança no trabalho e um salário digno para viver com sua família.

FESTAS, LAZER E SOCIABILIDADES

Campo Maior é uma cidade pequena, e era muito menor no período de 1930 e 1940. Era uma cidade pacata, as festas estavam voltadas para celebrações religiosas, especialmente para os festejos de Santo Antônio e as tradicionais festas juninas. Com o passar do tempo a sociedade campo-maiorense começou a se organizar através da fundação de clubes sociais, principalmente para atender a demanda criada pelas próprias elites econômicas locais. O primeiro clube criado na cidade foi o Campo Maior Clube, fundado em 1950 em substituição ao Satélite Clube, formado por funcionários do Banco do Brasil em 1941. A sede do referido clube já havia abrigado a antiga Intendência Municipal, e foi doado pela prefeitura aos sócios do Campo Maior Clube. Os sócios constituíam o que estou chamando de elite política e econômica local. “Era mais da elite, era uma tradição muito rigorosa, se uma pessoa fumasse um cigarro, principalmente a mulher, era considerada prostituta, aí já saia tudo” (VASCONCELOS, 2006, P.48).

O clube foi cenário das grandes tertúlias e até festas com cantores vindos de fora, hoje abriga a sede do poder Legislativo Municipal. Foi reformado e recebeu a denominação de “Casa do Povo Zé Olympio da Paz” em homenagem a prefeito José Olympio da Paz. A homenagem está relacionada ao comportamento digno, homem probo, imagens construídas através de relatos memorialísticos. Entrou pobre na prefeitura e saiu do mesmo jeito. Sobre essas festas que tiveram lugar no clube, Marcos Vasconcelos relata:

Recordo-me, com saudades, das tertúlias nas manhãs de domingo, no Campo Maior Clube, ao som da radiola; dos bailes com a orquestra local, composta do Zumba, no trombone de válvulas, do Durval, no trombone de vara, do Fernando, na bateria e de muitos outros. Nas grandes festas, contratavam até banda de fora (VASCONCELOS, 2006, p. 104).

Além das festas promovidas pelas camadas mais elevadas da sociedade campo-maiorense no Campo Maior Clube e das tertúlias promovidas em suas próprias residências, também foi construído o Centro Operário, na Rua Cap. Manoel de Oliveira, um pouco afastado da praça Bona Primo, onde hoje funciona o Colégio Leonardo da Vinci, erigido pela por força e a união dos operários, à época. O prédio foi projetado com uma arquitetura moderna, era amplo, com dois andares. Até, então, não havia opção de lazer para os operários menos privilegiadas economicamente. Esse clube era muito bem organizado, seus associados ajudavam-se mutuamente para realização dos eventos, também recebiam apoio da prefeitura. De acordo com Marcos Vasconcelos (2006, p.104) “esse clube exigia dos seus sócios e convidados muito respeito e observância das regras”.

As festas organizadas nesses clubes eram praticamente os únicos meios de diversão para os cidadãos e jovens, era uma forma de quebrar o cotidiano monótono da cidade, até o pessoal do “sereno” participava da festa como observador, ficava do lado de fora, “levava até cadeiras para marcar os lugares e no outro dia dava notícias de tudo” (VASCONCELOS, 2006, p. 104).

De acordo com Joaquim Oliveira (1997) até a década de 1960 os únicos clubes que haviam na cidade era o Campo Maior Clube, da elite, Centro Operário e a AABB, clube dos funcionários do Banco do Brasil criado desde a instalação da agência em Campo Maior na década de 1940. Com o tempo, os funcionários foram se casando, e/ou sendo transferidos para outras cidades, fatos acabaram provocando o definhamento desse clube, que retornou com força a partir de 1967, com o aumento de funcionários solteiros trabalhando na agência, possibilitando a sua reinauguração em outro local, no dia 18/07/1965. Naquela oportunidade foi realizado um torneio de futebol de salão entre times de Campo Maior, Teresina e Piri-piri. Os funcionários do Banco do Brasil solteiros eram tidos como um bom partido, concorrendo apenas com os

sargentos e subtenentes do Exército, locados na cidade que trabalhavam na construção da ferrovia Teresina/Castelo. Depois surgiram o Iate Clube Laguna e o Grêmio Recreativo que objetivam trazer diversão à sociedade campo-maiorense. As festas durante o carnaval também movimentavam a cidade, quebrando seu cotidiano pacato. Havia a presença de curso nas ruas, festas a fantasia nos bailes promovidos nos clubes; blocos de carnaval onde os componentes usavam lança-perfume para chamar atenção das garotas (VASCONCELOS, 2006, p. 104).

Imagem 02: Corso em Campo Maior com grande participação feminina 1940?



Fonte: Museu do Paulo e Bitorocara; Gracinha Torres⁹

75

As festas de carnaval em Campo Maior significavam uma ruptura no cotidiano monótono da cidade, pelo menos nos três dias, com festas nos clubes e nas ruas, no curso havia maior participação feminina, onde as mulheres podiam desfilar com roupas exuberantes e fantasias ao seu gosto. As festas de carnaval promoviam uma integração entre as classes, mesmo para quem não participava das festas a fantasia, dos blocos, nem interagiam através da troca de lança-perfume, mas observava e tinha sua opinião ou críticas sobre os blocos e as pessoas que estavam se divertindo no carnaval da cidade.

O CINEMA EM CAMPO MAIOR

Outra forma de lazer acontecia através do cinema, que por sinal chegou em Campo Maior a partir de 1930. O prédio foi construído pelo prefeito Francisco Alves Cavalcante e recebeu a denominação de Cineteatro Glória, pois uma cidade que pretendia ser moderna tinha que acompanhar as novidades da época. O cinema dava a cidade novos ares de modernidade, depois

⁹ Disponível em: <http://bitorocara.blogspot.com.br/search?q=carnaval>. Acesso em 28 de nov. de 2016.

o prédio passou por uma reforma e foi reinaugurado com o nome de “Cine Nazaré” em homenagem a Dona Maria de Nazaré Castelo Branco Lins, mulher do novo administrador do cinema, Zacarias Gondim Lins Castelo Branco.

O prédio foi construído com uma arquitetura moderna, em concreto armado e linhas retas com esquadrias, com investimento do poder público, mostrando o desejo do gestor em trazer para a cidade esse elemento moderno que mexia e ainda mexe com a imaginação dos admiradores da “sétima arte”. De acordo com Elmar Carvalho (2016) A repartição também era cedida para outros eventos tais como: formatura, palestras, conferências, seminários, espetáculos mágicos, recitais, dentre outros. Elmar Carvalho que viveu o apogeu do Cine Nazaré durante a sua juventude assim descreve as acomodações do cine:

Havia um grande anteparo com espelho, que separava o hall de entrada da sala de exibição propriamente dita. As cadeiras eram de madeira, e a parte para sentar era móvel, de forma que poderia ficar na vertical, quando desocupada [...] não havia ar condicionado, de modo que as várias portas laterais ficavam abertas, permitindo que o vento circulasse, pelo que o ar não se tornava viciado. Ademais, existiam grandes ventiladores, que mais pareciam as hélices de um teco-teco, o que dava certo conforto aos clientes (CARVALHO, 2016).

Imagem 03: Cineteatro Glória, em 1932



Fonte: Museu Paulo e Bitorocara

Localizado próximo à Praça Rui Barbosa, na lateral da igreja Santo Antônio, à rua Senador José Euzébio, era um dos locais privilegiados que se destacava por promover encontros e desencontros. A prefeitura apesar de reconhecer a necessidade de oferecer à população essa forma de lazer moderno, não tinha condições financeiras ou pelo menos, alegava não ter condições de mantê-lo, por esse motivo, por meio do projeto lei nº 37 de 06 de outubro de 1948,

cedia o prédio do Cineteatro municipal, gratuitamente a qualquer empresa cinematográfica que desejasse explorar essa atividade, apesar de ter passado por vários administradores, entre os quais os senhores Costa Araújo e Castelo, foi com o empresário Zacarias Gondim Lins e sua esposa Maria de Nazaré Castelo Branco Lins que o cinema prosseguiu durante muito tempo. O projeto deixava claro as seguintes condições para ceder gratuitamente o Cineteatro:

Art. 2º A prefeitura ficará isenta de qualquer despesa referente a conservação e dos móveis, cujo o custeio caberá ao empresário.

Art. 3º A prefeitura reservará a si a fixação do tempo de concessão a qual não poderá ser, entretanto por prazo inferior a um ano.

Art. 4º a empresa se obrigará a entregar o prédio nas condições recebidas e promoverá a limpeza do mesmo e dos móveis respectivos, semestralmente se assim o exigir as condições do teatro (CAMPO MAIOR, 1948).

O referido projeto objetivava claramente facilitar a exploração do cinema na cidade, haja vista que não cobrava nenhuma taxa ou aluguel do referido prédio, e como o mesmo estava com as instalações prontas facilitaria a quem se arriscasse ao empreendimento. Entretanto, por desconhecer o contexto do Cineteatro e por não concordar com as cláusulas do contrato, um vereador opinou pela rejeição do projeto o encaminhando ao conselho consultivo da câmara que, por sinal, discordou do Vereador e rejeitou a sua proposta com a seguinte alegação:

77

O projeto em causa, pelos seus fundamentos que são jurídicos, é perfeitamente constitucional, atentando-se, porém, para inúmeras dificuldades que se antepõem à empresa cinematográfica desta cidade – irregular frequência ao cinema, despesas avultadas com alugueis de filmes, muitas vezes descompensados pela exiguidade das rendas, etc. leva-nos a rejeição do projeto de autoria do Senhor Erasmo Leite. Como se sabe, nos meios como o nosso, em que as casas de diversões rareiam, cabe ao poder público municipal, incentivar os ambientes que se educa e se esclarece o povo, e nunca lhes opor obstáculos. Temos que optar-lhes, forçosamente, ao problema de auxiliar, quando nos for isso possível, a todos que se propuserem a trazer a nossa terra, diversões instrutivas e educacionais como é o cinema (CAMPO MAIOR, 1948).

Depreende-se que apesar de um vereador se posicionar contra a concessão gratuita do prédio do cineteatro, tanto prefeito quanto a maioria dos vereadores consideravam o cinema como uma diversão necessária ao provimento da educação e instrução da população, talvez, até como um instrumento civilizatório. Os frequentadores da casa de cinema poderiam aprender modos de se comportar, vestir-se e estar em meio a sociedade. As máquinas de projeção dos filmes eram elementos que causavam curiosidades dos amantes dessa nova invenção tecnológica.

As lembranças sobre a presença do cinema em Campo Maior não deixam dúvidas que foi um momento marcante e interessante.

De acordo com Elmar Carvalho (2016) Havia algumas dificuldades. Vez ou outra, as fitas quebravam por causa da má conservação, falha no equipamento de projeção ou por falta do fornecimento de energia elétrica, abastecida pela antiga Usina movida a Diesel. Essas falhas geravam vaias, gritos e assobios do público, atitudes duramente repreendidas pelo proprietário que com sua retórica de moral e ética conseguia manter o domínio da situação e fazer que o silêncio reinasse até o final do filme se por ventura outra falha não viesse a ocorrer. Os filmes eram esperados com muito entusiasmo, chegavam em Campo Maior muito tempo depois de vistos em Teresina.

Após negociação conjunta com proprietários do CINE REX e CINE ROYAL de Teresina, os filmes, vindos de Recife, com certo atraso, eram enviados de avião, da empresa de Luís Severiano Ribeiro (pioneiro e proprietário de salas de cinema por todo o país) para nossa capital, só depois de exibidos naqueles cinemas chegavam ao CINE NAZARÉ, recebidos pelo técnico em máquinas de projeção, o Sr. Milton Passos, que fazia um trabalho cuidadoso, minucioso, cansativo e rotineiro destes. Corrigindo-os com cortes, remendos com colagens de acetona usada em limpeza de unhas (CARVALHO, 2016).

Os meios para fazer as fitas funcionarem eram os mais criativos possíveis, mas ao final, todos saíam satisfeitos e esperando voltar para assistir o próximo filme. O preço era acessível mais não se sabe ao certo se todos tinham condições para frequentar aquele moderno espaço de lazer. De acordo com dona Maria dos Remédios Sousa Santos (2017) que na época morava no bairro Parque Estrela, “aquilo era uma novidade, uma diversão muito agradável”, mas ela não podia ir muitas vezes por “dificuldade, porque as vezes a gente não tinha como pagar, mas a gente dava um jeitinho e a gente ia”. Quando indagada sobre o conteúdo dos filmes, sua lembrança se revela vaga para definir nomes, atores etc., mas ela os define como divertidos:

Era de molecagem, [risos] era de molecagem, era tanta brincadeira que a gente sorria que faltava morrer de sorrir das brincadeiras, mas era interessante porque meu avô não deixava nós ir a uma festa, uma matinê, ele não deixava nós ir. Aí, a gente ia mesmo *pra* praça, *pro* cinema. Era como se fosse uma novidade, nesse tempo não tinha bandido, a gente podia sair sozinha daqui meia noite ir e voltar e não tinha quem mexesse com a gente (SANTOS, 2017).

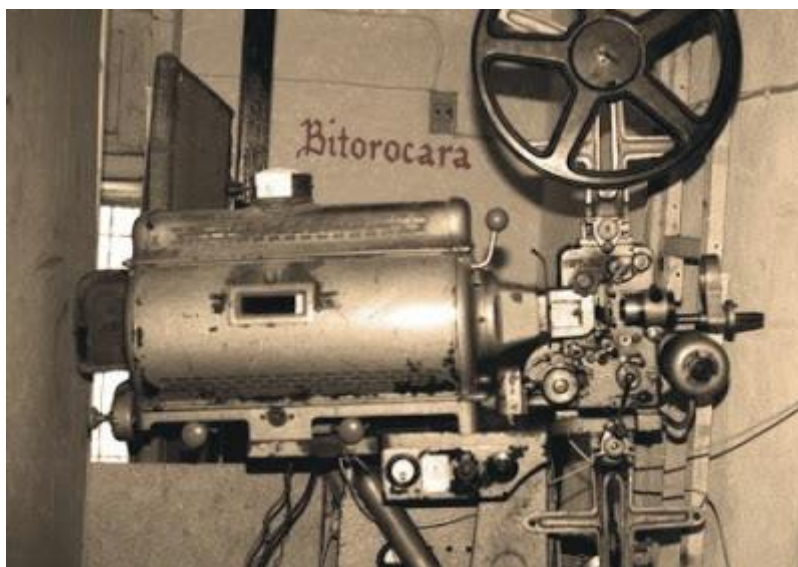
Elmar Carvalho (2016) lembra perfeitamente os filmes que assistiu e embalou sua juventude, cita nomes de atores e as cenas dos filmes que o impressionavam, pelo caráter técnico e porque os efeitos sonoros pareciam mais reais. O enredo e cenas eram menos violentos dos que

passam na atualidade que “se desenvolve numa forma vertiginosa como se o tempo fizesse parte de uma outra dimensão do espaço-tempo”. Isso mostra a percepção do memorialista sobre as mudanças que foram acontecendo com as produções cinematográficas, cuja crítica recai sobre os filmes da atualidade, considerados piores, pois os filmes do seu tempo tinham enredos que davam mais entusiasmo aos espectadores e estimulavam a imaginação das crianças:

No Cine Nazaré pude assistir a alguns épicos, com temática da história ou da mitologia greco-romana, alguns protagonizados por Victor Mature, o fortão da época, mas considerado bom ator. Giuliano Gemma encarnou, sobretudo, o caubói Ringo, rápido e certeiro no gatilho. Quando os garotos saíam do cinema, pareciam ter incorporado o mocinho. O caminhar sutilmente mudava, na imitação do herói cinematográfico; as mãos se mantinham levemente afastadas dos quadris, como se a qualquer momento fossem sacar um imaginário revólver, que parecia pender do coldre. Outros atores dessa inesquecível época foram Franco Nero, Anthony Quinn, Kirk Douglas, Burt Lancaster, Charlton Heston, Charles Bronson. Sim, quase ia esquecendo, ainda havia Johnny Weissmuller, travestido de Tarzan, a emitir uns gritos escalafobéticos, a se locomover dependurado em cipós e a enfrentar crocodilos e bandidos em plena selva africana. Todos eles encantaram a minha meninice e juventude em películas admiráveis. Indefectivelmente, na Semana Santa, era exibida uma velha fita da vida de Jesus, geralmente a Paixão de Cristo, que assistíamos contritos, tristes, quase como se os fatos tivessem acabado de acontecer (CARVALHO, 2016).

O Cine Nazaré, apesar de ter sido o único da cidade, como um dos símbolos da modernidade configurou-se como um centro disseminador de cultura. Os moradores de Campo Maior tiveram experiências que os integravam às novidades da época, proporcionando diversão e lazer. Isso lembra o que Berman (1986) afirma sobre a modernidade: ela rompe fronteiras temporais e espaciais geralmente se constitui do desejo dos indivíduos de fazer parte disso, consumir essas novas invenções. “Aquela sala de cinema, na sua fase áurea, representou em Campo Maior um mundo mágico de fantasia, lazer e cultura e repassou para várias gerações verdadeiras maravilhas do cinema” (ARAÚJO, 2016).

Imagem 04: Projetor do Cine Glória, 1948.



Fonte: Geração Campo Maior; Museu Paulo & Bitorocara, 2010.

Até mesmo a máquina de projeção das fitas era motivo de curiosidade dos frequentadores do cinema naquela época, ficavam olhando com admiração as habilidades e artimanhas que o técnico realizava para fazer a fita rodar. O cinema teve grande público e alcançou certa prosperidade na cidade, mas com a chegada da televisão as coisas mudaram, as pessoas passaram a assistir de forma individual, as novelas que passaram a fazer parte das programações das 18:00, das 19:00 e 20:00h, e isso contribuiu para o golpe de misericórdia no cinema de Campo Maior, que foi perdendo sua importância no cenário social como principal elemento difusor de cultura, entretenimento e lazer. Isso também ocorreu porque houve uma massificação de tecnologias como foi o caso da televisão que a partir da década de 1970 e 1980 passaram a ser mais frequente nas residências dos moradores da cidade, havendo uma fragmentação, individualismo quanto ao uso e consumo desses elementos.

Portanto, este artigo buscou analisar como aconteceram algumas mudanças no modo de viver urbanos de Campo Maior através da remodelação das principais praças de Campo Maior, Bona Primo e Rui Barbosa, da chegada da luz elétrica, e também tratou das festas realizadas nos clubes sociais, e das festas de carnaval, da chegada do cinema, mostrando como os habitantes através da memória significaram esse período de transformações na cidade, sendo que as intervenções na cidade e a chegada desses elementos considerados modernos para época, influenciavam no imaginário social, além de instituírem novos hábitos e padrões de comportamento nos cidadãos campo-maiorenses que significavam essas mudanças de forma positiva valorizando o novo e o moderno.

REFERÊNCIAS

ALVES FILHO, João. *Campo Maior e o contraditório*. Campo Maior [s/n], 2011.

ARANHA, Gervásio, 2006 *apud* GOMES, Iordan Queiroz; SANTOS, Luís Carlos dos. Sensibilidades modernas: as cidades e os desejos do moderno. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História*- ANPUH. São Paulo, julho de 2011.

BERMAN, Marshall. *Tudo o que é sólido desmancha no ar: aventura na modernidade*. São Paulo: Schwarcz Ltda, 1989.

CASTELO BRANCO FILHO, Heitor. *Paz e guerra na terra dos carnaubais*. 2. ed. Teresina: EDUFPI, 1992.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 10.ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

LIMA, Francisco de Assis. *Campo Maior em Recortes*. Campo Maior: edição do autor, 2007.

NORA, Pierre. Entre a memória e história: a problemática dos lugares. In: *Projeto História*. São Paulo, nº 10, p. 7-28, dez. 1993.

PONTE, Sebastião Rogério. *Fortaleza belle époque: reformas urbanas e controle social 1860-1930*. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha/ Multigraf Editora LTDA, 1993

OLIVEIRA, Natália; Afonso, Alcília. *Da matriz vejo a cidade: a igreja de Santo Antônio em Campo Maior*. Teresina: Halley, 2015.

FONTES

DECRETOS E PROJETOS LEIS:

CAMPO MAIOR. Projeto lei nº 37, de 10 de outubro de 1948. Que trata sobre os termos de concessão gratuita do prédio Cine Teatro. Câmara Municipal. 10 de outubro de 1962.

CAMPO MAIOR. Parecer contrário a rejeição do projeto do Vereador Erasmo Leite, que rejeitava o projeto de concessão gratuita do cinema aos interessados no ramo cinematográfico na cidade, Campo Maior, 07 de outubro de 1948.

CAMPO MAIOR, Código de posturas, 1962.

ENTREVISTAS

ALVES FILHO, João. Entrevistas concedida a Pauliana Maria de Jesus. Campo Maior, 05 de maio de 2017.

BRITO, Raimundo José Cardoso. Entrevista concedida à Pauliana Maria de Jesus, Campo Maior, 04 de maio de 2017.

SANTOS, Maria Dos Remédios Sousa. Entrevista concedida a Pauliana Maria de Jesus. Campo Maior, 03 de novembro de 2017.

RELATOS MEMORIALÍSTICOS

CARDOSO, Francisco Da Silva. *Memórias de Campo Maior*. 2 ed. Teresina-PI: Gráfica Pinheiro, 2014.

_____. *Memórias da adolescência: venturas e aventuras em Campo Maior*. 2. ed. Teresina-PI: Gráfica Pinheiro, 2014.

OLIVEIRA, Joaquim Pereira de. *Estrelas no Chão: memórias*. Brasília: André Quicé editor, 1997.

VASCONCELOS, Marcos. *Raízes de pedra*. Fortaleza: Editora Livro Técnico Premium, 2006.

SITES CONSULTADOS

CARVALHO, Elmar. Giuliano Gemma e o velho Cine Nazaré. Disponível em: <<http://www.proparnaiba.com/elmar/2013/10/10/giuliano-gemma-e-o-velho-cine-nazar.html>>. Acesso em 29 de novembro de 2016.

BRASIL, Corinto Araújo. Cine Nazaré em Campo Maior. In: FORTES, José. Blog Meio Norte. Disponível em: <<https://www.meionorte.com/blogs/josefortes/cine-nazare-em-campo-maior-image-276932>> Acesso em 29 de novembro de 2016.

PORTO, Gabriela. Análise do discurso. Disponível em: <<https://www.google.com.br/amp/s/www.infoescola.com/linguistica/analise-do-discurso/amp/>>. Acesso em 26 de dezembro de 2017.